



Revista Affectio Societatis
Departamento de Psicoanálisis
Universidad de Antioquia
revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co
ISSN (versión electrónica): 0123-8884
Colombia

2025

Raul Oliveira Jung & Milena da Rosa Silva

O bem-ouvido, o improviso e a voz máquina na constituição do *infans*

Revista Affectio Societatis, Vol. 22, N.º 42, enero-junio de 2025

Art. # 04 (pp. 1-24)

Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia

Medellín, Colombia

ARTÍCULO DE REFLEXIÓN



O BEM-OUVIDO, O IMPROVISO E A VOZ MÁQUINA NA CONSTITUIÇÃO DO *INFANS*

Raul Oliveira Jung¹
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
rauljung@gmail.com

Milena da Rosa Silva²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
milenarsilva@hotmail.com

<https://doi.org/10.17533/udea.affs.v22n42a04>

-
- 1 Psicólogo formado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2016). Possui mestrado no Programa de Pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2021). Foi membro do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura (UFRGS). Atua como psicólogo na Divisão de Promoção de Saúde discente da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atuou como psicólogo no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atuou como psicólogo em serviço de acolhimento institucional (FASC/CPCA) na cidade de Porto Alegre-RS. Já atuou como psicólogo educacional na Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Garopaba-SC. Temas de interesse: infância, música, psicanálise, psicologia social, políticas públicas.
 - 2 Psicóloga. Possui Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento UFRGS (2003) e Doutorado em Psicologia pela UFRGS (2007). Professora Associada do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) desde 2010. Orientadora de mestrado no PPG Psicanálise: Clínica e Cultura UFRGS. Pós-doutoranda no PPG em Teoria Psicanalítica (UFRJ) desde 2024. Foi Coordenadora do Curso de Especialização Intervenção Psicanalítica na Clínica da Infância e Adolescência (UFRGS), edição 2013-2015 e Vice-coordenadora do mesmo curso na edição 2015-2017. Membro do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia de julho de 2010 a outubro de 2023, estando na Coordenação de setembro de 2018 a novembro de 2019. Diretora da Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS de março de 2020 a março de 2021. Coordenadora substituta do PPG Psicanálise: Clínica e Cultura UFRGS de agosto de 2019 a abril de 2021. Coordenadora do PPG Psicanálise: Clínica e Cultura de maio de 2021 a dezembro de 2023. Pesquisadora Membro do GT Parentalidade

Resumo

A partir da massificação dos dispositivos eletrônicos como elemento relacional, propõe-se a presença de uma voz máquina, proveniente do dispositivo eletrônico, como uma presença na cena dos cuidados e da relação do *infans* com suas figuras primordiais de cuidado. Deste atravessamento, são propostas posições e funções entre o próximo, a máquina e o *infans*,

apresentando variações psicanalíticas em relação aos processos de constituição do sujeito psíquico a partir da voz. O presente estudo apresenta reflexões teóricas a partir da revisão bibliográfica e reflexões a partir dos temas propostos.

Palavras-chave: Nebenmensch; pulção invocante; função improvisante.

EL BUEN OÍDO, LA IMPROVISACIÓN Y LA VOZ ARTIFICIAL EN LA CONSTITUCIÓN DEL *INFANS*

Resumen

A partir de la masificación de los dispositivos electrónicos como elemento relacional, se propone la presencia de una voz artificial, proveniente del dispositivo electrónico, como una presencia en la escena del cuidado y en la relación del *infans* con sus figuras primordiales de cuidado. A partir de este cruce, se plantean posiciones y funciones entre el prójimo, la máquina y el *infans*, lo que permite ob-

servar variaciones psicoanalíticas en relación con los procesos de constitución del sujeto psíquico a partir de la voz. El presente estudio presenta reflexiones teóricas fundamentadas en la revisión bibliográfica y consideraciones derivadas de los temas propuestos.

Palabras clave: Nebenmensch; pulsión invocante; función improvisadora.

e desenvolvimento infantil em diferentes contextos da ANPEPP, desde 2014. Membro do GT REDIPPOL - Sexo, Gênero e Poder. Co-coordenadora do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias (NEPIs) da UFRGS. Tem trabalhado com Psicologia e Psicanálise, atuando principalmente nas seguintes áreas temáticas: psicanálise com bebês; educação infantil (berçário/creche); clínica da criança; cuidado; parentalidades; entrelaçamentos entre psicanálise e gênero.

THE GOOD HEARING, IMPROVISATION AND THE ARTIFICIAL VOICE IN THE CONSTITUTION OF THE *INFANS*

Abstract

From the widespread growth of electronic devices as a relational element, an artificial voice coming from an electronic device is proposed as a presence in the care scene and in the relationship of the *infans* with their primordial figures of care. From this intersection, positions and functions between the others, the machine, and the *infans* are proposed, which allow us to consider

psychoanalytic variations in relation to the processes of constitution of the psychic subject based on the voice. This study presents theoretical reflections supported by a bibliographical review and considerations derived from the proposed topics.

Keywords: *Nebenmensch*; invocatory drive; improvising function.

LA BONNE OREILLE, L'IMPROVISATION ET LA VOIX ARTIFICIELLE DANS LA CONSTITUTION DE L'*INFANS*

Résumé

À partir de la massification des dispositifs électroniques comme élément relationnel, apparaît la présence d'une voix artificielle, provenant du dispositif électronique, en tant que présence dans le cadre du soin et dans la relation de l'*infans* avec ses figures primordiales de soin. À partir de cette intersection, cet article propose des positions et des fonctions entre le semblable, la machine et l'*infans*, ce

qui permet d'observer des variations psychanalytiques en relation avec les processus de constitution du sujet psychique à partir de la voix. Cette étude présente des réflexions théoriques basées sur la revue bibliographique et des considérations dérivées des thèmes proposés.

Mots-clés : *Nebenmensch* ; pulsion invocante ; fonction improvisatrice.

Recibido : 04/22/2024 • Aprobado : 12/20/2024

Considerações iniciais

Entende-se que os processos constitutivos do sujeito ocorrem lógica e cronologicamente ao longo da infância. Especificamente nos primeiros meses de vida ocorrem processos de estruturação bastante significativos, que possibilitam amarrações imaginárias e simbólicas. Nesse aspecto, entende-se que há, neste momento, importante ênfase nas trocas entre o *infans* e o meio externo por meio dos sentidos, sendo o tato, a audição e a visão essenciais, especialmente nas trocas com os humanos que se apropriam de seus cuidados. Assim, o artigo pretende apresentar ancoragens teóricas acerca dos adultos que assumem as funções de cuidado do *infans*. Partindo da perspectiva do *Nebenmensch* (Freud, 1996/1895) e passando pelas funções de cuidado, o presente trabalho destaca a importância da pulsão invocante (Lacan, 1998/1964), implicada, especialmente, na voz como processo de invocação na constituição do sujeito.

Seguindo a postulação de Marino (2018), o termo *infans* foi escolhido por estar na origem da palavra infância, tendo como significado “aquele que ainda não fala” (p. 97). Entende-se que o termo é mais adequado para tratar do momento de invocação e convocação do sujeito à linguagem. Passone (2016) complementa no sentido de que o termo *infans* reflete o momento em que o sujeito ainda se encontra privado da palavra. Para o autor, a linguagem se apresenta enquanto “isso que ultrapassa sua condição biológica” (p. 118). Essa passagem faz com que o *infans*, em sua aquisição, passe a se referenciar pelo desejo e não mais apenas pela necessidade. Nesses termos, o *infans* representaria o momento que precede as palavras e o ingresso no simbólico, e que vai se constituindo, primordialmente, por meio da figura do próximo. Nesse contexto, a opção do termo *infans* se dá pela significação dessa etapa, bem como por sua importância estruturante. A partir dessas premissas, pretende-se identificar as características assumidas por este que se coloca no lugar de cuidado na passagem do *infans* ao sujeito falante.

O circuito teórico do artigo é atravessado por metáforas e associações musicais, buscando contemplar o improviso e a função improvisante como processo constitutivo e estruturante. Entendendo o

manhês³ (Catão, 2009) como efeito da função improvisante, identificam-se pesquisas citadas por Vivès (2018) que apontam prejuízos nesse processo quando o *infans* e o adulto se encontram em uma relação atravessada por dispositivos eletrônicos. Ao se relacionarem por meio de dispositivos, foram identificadas diferenças nas propriedades do manhês. Dessa forma, este escrito questiona possíveis efeitos de relações de cuidado cada vez mais atravessados pelos dispositivos eletrônicos. Que variações constitutivas podem ocorrer a partir do contato *online*? Como o anteparo do dispositivo eletrônico influenciaria as propriedades invocantes da função improvisante?

A partir dessas questões, entende-se que os dispositivos eletrônicos e os conteúdos infantis permeiam as relações de cuidado. Ao longo do estudo, pretende-se refletir acerca das características invocantes dos dispositivos eletrônicos, bem como suas possibilidades de se posicionar e de se relacionar com o *infans*. Contudo, a relação fica implicada a partir da relação-posição assumida pelo adulto que cuida, que vai proporcionar a forma pela qual se dará o atravessamento do dispositivo na relação. Assim, considera-se possível que sejam apresentadas diferentes variações psicanalíticas ao *infans* a partir dessa relação. O presente estudo tem arcabouço psicanalítico e apresenta reflexões teóricas a partir da revisão bibliográfica e reflexões a partir dos temas propostos.

Das necessidades da vida à demanda de amor

A constituição do sujeito psíquico para a psicanálise tem como elemento fundamental a relação do *infans* com seu *Nebenmensch*. O termo *Nebenmensch*, citado por Freud em seu Projeto para uma Psicologia

3 Para Pierotti e Levy (2010), o manhês se caracteriza como uma prosódia característica da relação do próximo com o *infans*. Para as autoras, qualquer adulto que esteja libidinalmente investido nesse papel estabelecerá o diálogo dessa forma. Eurico (2018) aponta que a prosódia do manhês “inunda a criança no lençol da linguagem” (p. 10), operando enquanto convocação do *infans* à fala.

gia Científica (1996/1895), teria como tradução literal “humano ao lado”, mas também se identifica a tradução do termo como “outro ao lado”, “próximo”, “ajuda alheia”, “outro próximo”, “cuidador que garante”, “outro semelhante”, “semelhante que oferece ajuda” (Klautal & Faissol, 2016). Laznik (2000) utiliza o termo ‘próximo assegurador’, que optamos por utilizar para trabalhar a relação do *infans* com sua primeira ou primordial figura de cuidado pelo fato de representar a posição ativa deste próximo, que, ao se implicar na constituição do sujeito a advir, assegura as bases para o percurso estrutural do *infans* em seu desenvolvimento. Freud (1996/1895) aponta que, para além de garantir as necessidades da vida (*not des lebens*), o próximo também acompanhará o *infans* em seu ingresso na linguagem. Ferrari e Piccinini (2010) apontam a necessidade de haver um próximo que antecipe o que se espera do *infans*. Em um campo imaginário, serão lançadas as trilhas em que o *infans* poderá se constituir.

Para Lacan (1997/1959-1960, p. 53), “é por intermédio do *Nebenmensch*, como sujeito falante, que tudo o que se refere aos processos de pensamento pode tomar forma na subjetividade do sujeito”. Laznik (1994) aponta que esse próximo, como Outro primordial, terá função de, ao mesmo tempo, ser Outro e outro. Como Outro, a fim de representar o “tesouro dos significantes” (Lacan, 1998/1960, p. 820), mas também como o pequeno outro da relação com o *infans*. A função que o próximo assume na relação com o *infans* implica a rememoração de sua própria constituição, bem como sua relação com seu próximo. Entendendo a constituição do sujeito enquanto processo não só cronológico mas também lógico, o processo de cuidado e de, para o adulto, se ver visto pelo bebê, propõe a rememoração do momento em que ele mesmo se encontrava enquanto *infans*. Ferrari e Piccinini (2010), a partir de Piera Aulagnier, descrevem como a antecipação materna é fundamental para que seja possível a oferta de sentidos-trilhas para o *infans*. Os gritos do bebê, passam a ter significados atribuídos pelo próximo. O próximo, então, assume posição de dar sentido, a partir de seu repertório simbólico, ao *infans* que ainda não o possui. Ferrari e Piccinini (2010) apontam a necessidade de que essa figura esteja suficientemente inscrita no mundo simbólico para que seja capaz de transcender a relação que garante as necessidades biológicas. Esse próximo, então, assumiria uma posição de emulador

do grito do *infans*. Nesse primeiro tempo, em que se supõe o que deseja o bebê a partir do oferecimento de seu próprio desejo, há a tradução desse grito puro (Vivès, 2009) atribuindo-lhe um sentido e um significado. Em relação ao grito puro (*pur* em francês), Vivès o define enquanto momento em que o *infans* ainda não direciona sua enunciação a um outro. Assim, o próximo se coloca enquanto ouvinte deste grito, enquanto receptáculo e estabelecendo condições para o endereçamento. O próximo, então, assegura a passagem do grito puro para um grito para (*pour* em francês) (Poizat, 2001; Vivès, 2009) em que há um endereçamento. Dessa forma, passam a se estabelecer condições para que o *infans* possa avançar em sua constituição.

Aulagnier (1975) aponta que o *infans* se relaciona com os seus cuidadores em um micro meio. Esse micro meio é definido pela autora como espaço falante. Esse protótipo social é constituído pelos discursos e desejos que vinculam as relações familiares que atravessam essas relações:

Precedendo o nascimento do sujeito preexiste um discurso que o concerne: espécie de sombra falada e suposta pela mãe que fala, ela se projeta sobre o corpo do *infans* – quando do seu nascimento – tomando o lugar deste a quem se dirige o discurso do porta-voz (...). A mãe (...) imputa à sombra um desejo que ela desconhece (...). O que chamamos de sombra é, portanto, constituído de uma série de enunciados que testemunham o desejo materno referente à criança; eles constituem uma imagem identificatória que antecipa o que será enunciado pela voz deste corpo, ainda ausente. (pp. 109-113).

Klautau e Faissol (2016) referem que o próximo realiza a função de garantia das necessidades vitais (*not des lebens*), mas que essa demanda vital vai se deslocando para demanda de amor. O próximo, como função primordial de sustentação da subjetividade do *infans* a partir de sua própria, assume função de Outro, possibilitando ao *infans* a alienação ao significante-mestre oferecido por esse primeiro Outro. Em um segundo momento, o próximo se apresenta faltoso, como sujeito do Outro, o que faz com que o *infans* inicie o processo de separação. Nesse processo, se instaura a alternância do próximo, como *Nebenmensch*, objeto de satisfação, mas também como objeto estranho, *unheimlich* (Freud, 2019/1919). O próximo, então, assume a função de realização

da ação específica (Freud, 1996/1895). Interessante notar, nesse contexto, que o próximo, respondendo com linguagem, a qual carrega consigo a escansão, propõe, por meio de sua voz, a alternância presença e ausência, neste caso, entre som e silêncio. Da mesma forma, a voz, enquanto musicalidade, também propõe a relação de presença e ausência enquanto ritmo. Para Freud, a ação específica consiste em um ato de cuidado, exigida pela prematuridade do sujeito em constituição, que visa dar conta do alívio da tensão que gera desprazer. Para além das necessidades da vida, o próximo também vai prover os significantes para que o *infans* ingresse no registro simbólico. Assumindo posição de potência simbólica, essa posição é a de Outro primordial.

A voz e a ação específica de invocar

Para Catão (2009) a voz tem dupla e concomitante função no estabelecimento do laço entre o próximo e o bebê e na sua constituição como objeto da pulsão. Para isso, aponta a autora, há a necessidade de passagem de objeto real para objeto simbólico. A voz como pulsão invocante, junto da oralidade e da especularidade, se apresenta como registro fundamental para a estruturação no primeiro ano de vida do bebê:

Na perspectiva de Lacan, o estatuto da voz não se restringe ao que é do registro sonoro, ela é o objeto vazio passível de ser contornado pela pulsão. Sua materialidade é incorpórea, ela participa da instauração do laço entre a mãe e seu bebê ao mesmo tempo em que se constitui como objeto da pulsão na fronteira- espaço de ilusão-entre os dois. Ela delimita as bordas que separam o corpo da mãe do corpo do bebê e funda, a um só tempo, sujeito e Outro. A voz faz litoral. (p. 224).

Vivès (2009) aponta para as peculiaridades do circuito pulsional invocante a partir do circuito da pulsão escópica. Em um primeiro momento, o primeiro grito, em que o sujeito ainda não existe e, portanto, mítico, é acolhido pelo próximo, que retorna interpretando o grito e impelindo o sujeito à linguagem. Para Vivès, a resposta do Outro, após ter “bem ouvido” o *infans*, é que valida o sujeito a advir. Interessante atentar para a peculiaridade do bem ouvido, que propõe

não apenas um ouvir, mas um *bem ouvir*. Essa proposição encontra acolhida na perspectiva do próximo enquanto ativo e implicado não só na relação de cuidado, mas também enquanto assegurador dessa passagem. Assim, para a passagem do grito puro para grito para, é imprescindível que o próximo se apresente, bem ouvindo e retroalimentando o circuito invocante.

Mattos e David (2017) ressaltam o papel do próximo em “envolver o bebê pela continuidade de suas vogais, chamando-o para a linguagem, tal qual fazem as sereias em seu canto, mas também efetuar uma ruptura neste laço, pelo corte das consoantes, sem o qual seu canto seria mortífero” (p. 6). O corte é a escansão das vogais, provocada pelas consoantes, que propõe o rompimento de uma relação de alienação e vai em direção à palavra. Nesse processo apontado pelas autoras, identifica-se a importância do bem ouvir, que desencadeia a resposta que convoca o *infans* aos limites-bordas da linguagem. Nesse contexto, percebe-se a ambivalência do próximo, ora se colocando em posição de alienação com o *infans* ora se apresentando enquanto separação. A posição de alienação seria percebida em momentos de acalantar, em que se utilizam murmúrios e vocalizações com poucas escansões. A separação seria apresentada quando, mesmo sem saber que será ouvido, o próximo conversa com o *infans* utilizando a estrutura da linguagem. Podemos identificar o manêns enquanto uma passagem, em que se misturam elementos mais contínuos, mas também palavras e escansões.

O circuito pulsional invocante tem como elemento fundamental, e como peculiaridade em relação ao circuito escópico, a posição ativa do Outro em seu trajeto. Dessa forma, o *bem ouvido*, apontado por Vivès, torna-se elemento essencial para o desencadeamento do processo de invocação. Caso o *infans* apenas acolhesse a voz arcaica, não teria condições de responder ao seu chamado, “sendo tomado por essa voz da qual não pode se livrar” (Porge, 2014, p. 20):

A mãe interpreta o grito como uma fala suposta ao *infans* situado por ela, desde seu nascimento, na posição de sujeito suposto falante. Ela acusa a recepção desse grito e supõe que ele quer dizer alguma coisa, isto é, que ele apresenta o sujeito ao mundo. Reconhece-se aqui, a definição de significante: o que representa um sujeito para outro significante. O grito do *infans* não o representa para a

mãe, caso em que estaríamos no registro do signo. Em vez disso, ele representa o sujeito para o conjunto dos significantes a advir. A resposta do Outro, a recepção que reserva ao puro grito, transformando-o em grito “para”, leva a significação do sujeito à luz do significante do Outro. (p. 21).

Vivès (2009) complementa que, ao grito, o Outro responde convocando o *infans* a advir como sujeito (torna-te!). A partir desse momento é possível a significação e o estabelecimento da voz como objeto, que pode circular. O sujeito, agora invocante, pode avançar em seu processo de subjetivação e dar sequência no percurso desejante (retorna). Nesse movimento, identifica-se a proposição de Catão (2009), em que a voz *contorna* o objeto *a*. Esse momento é percebido quando o próximo faz uma pergunta ao *infans* e realiza uma pausa, como se aguardasse uma resposta, mesmo sabendo que ainda não virá. Esse silêncio se apresenta justamente enquanto o espaço oferecido para que o *infans* se apresente enquanto sujeito. Assim, identifica-se que os processos de invocação são compostos por enunciações, mas também por silêncios, contudo, silêncios invocantes.

Para Vivès (2018), a voz teria dupla função para a subjetivação do *infans*: como vetor de linguagem, em sua dimensão imaginário-simbólica, apresentada por seu próximo; e como objeto de gozo em sua dimensão Real. Enquanto dimensão imaginária e simbólica, a voz se aproxima da palavra, enquanto efeito de significação, abrindo o campo para a metáfora. Em sua outra dimensão, a voz como objeto de gozo se apresenta enquanto musicalidade, aproximando o percurso pulsional do objeto causa do desejo. Porge (2014) coloca que a escansão da emissão da voz exerce função de corte. Para o autor, “a escansão da fala cria a voz como objeto *a*, como saída de um orifício e como alguma coisa que se corta” (p. 51). A voz seria a passagem do significante, como “resto não redutível ao significante, mas essencial à sua articulação com o que lhe sustenta a passagem” (p. 48). Dessa forma, a voz assume uma posição particular em função do significante, mas sem se reduzir a ele.

Se o desejo do sujeito se funda como desejo do Outro, esse desejo como tal se manifesta no âmbito da voz. A voz é não apenas o objeto causal, mas também o instrumento em que se manifesta o desejo

do Outro. Esse termo é perfeitamente coerente e constitui, se posso dizê-lo, o ponto culminante em relação aos dois sentidos da demanda: feita ao Outro e vinda do Outro. (Vivès, 2018, p. 19).

Quando o próximo acolhe o grito do *infans* e o interpreta, “o véu da fala se deposita sobre a voz e o véu do sonoro se assenta sobre a afonia da voz como objeto *a*” (Vivès, 2018, p. 20). Para o autor, a voz é o primeiro objeto perdido, como o que cai na formação do significante. A voz ficaria, assim, velada por trás do que ela significa para o Outro. A partir da ideia de que o desejo se funda a partir do desejo do Outro, podemos identificar a proximidade da voz em relação ao desejo, já que está no entre o sujeito e o Outro, bem como entre a oralidade e a auricularidade. Assim, a proposição da voz como objeto *a*, e a pulsão invocante como a “mais próxima da experiência do inconsciente” (Lacan, 1998/1964, p. 102) parece se sustentar. Para Azevedo e Nicolau (2017), a voz do Outro se apresenta não só como objeto causa do desejo, mas também como vetor do desejo do Outro enquanto causa quando *isso fala*. Nesse ponto também se identifica a posição ativa do próximo (Outro) no circuito pulsional invocante.

Esse meio e o discurso dos cuidadores porta a instância da lei, visto que os adultos já se fazem constituídos pela falta. Dessa forma, essas figuras primordiais assumem função de porta-voz, antecipando um discurso social, apresentando as leis e exigências deste. Esse discurso, atravessado pelo desejo e pela lei, constitui o campo preliminar para o acesso do sujeito ao Outro. Dessa forma, poderíamos considerar que tanto a escansão quanto o silêncio antecipam a descontinuidade, em detrimento da continuidade de onde vem o *infans*, que se apresenta enquanto protótipos da falta.

Tempos e silêncios de um improvisar em duo

Vivès (2018), em *Variações psicanalíticas sobre a voz e a pulsão invocante*, ao abordar a improvisação materna, apresenta duas concepções sobre o improviso a partir da etimologia da palavra improvisar. Uma das aceções identificadas pelo autor para a palavra é algo que chega de maneira imprevista, como algo feito sem preparação ou rigor. Já a

segunda se aproxima do improviso musical, enquanto criação ou arranjo inédito. Para o autor, o improviso tem como objetivo um fazer com o imprevisto, circundando o que se apresenta de modo não previsto. Assim, o improviso carrega consigo elementos de repetição e retomada. Na relação entre próximo e *infans*, este que cuida, ao se colocar na posição de bem ouvir o grito puro, que, enquanto imprevisto, ainda não se apresentaria em uma cadeia significativa ou teria um significado esperado, busca um fazer com o que ouviu, tendo como saída um improviso, no qual significa a partir de seu repertório as enunciações enigmáticas que toma como endereçadas a si. Dessa maneira, o improviso proposto pelo próximo assume como ancoragem as bordas, características e leis da linguagem, carregando também, mesmo enquanto manhês, os ritmos e escansões que o constituíram enquanto sujeito. Partindo dessa perspectiva, o improviso tem caráter de repetição, mesmo que em uma apresentação inédita. Utilizando a perspectiva do improviso musical, em que se utilizam notas já conhecidas em ordem inédita, seguindo o ritmo e a harmonia da música, na função improvisante, há a submissão do próximo às leis da linguagem, o que o enlaça ao simbólico.

O improviso, então, deixa de ter caráter de imprevisto e assume características de “construção articulada, apoiada em elementos memorizados” (Vivès, 2018, p. 32). A partir da enunciação do *infans*, o próximo que supõe improvisa a sua resposta, baseado em seu repertório, mas imprimindo seu estilo. Assim, a improvisação entraria em uma dimensão de um fazer com essa transmissão. A partir da rememoração do próximo sobre sua própria constituição, associada a sua posição-função de assegurar ao *infans* também essa passagem, fica impressa, a partir do estilo, a marca da sua subjetividade, que atravessa, e, ao mesmo tempo, possibilita uma enunciação original, que singulariza o sujeito. Dessa forma, entende-se o improvisar como um fazer com o imprevisto a partir do repertório do próximo, em associação com o desejo em relação ao *infans*:

Improvisar é saber fazer com o que não se sabe usando o que se sabe. É usar a voz que se pode escutar dizendo sobre a voz que não se pode ouvir. Improvisar é se articular, é se virar com o perder, sem se deixar perder. (Mattos e David, 2017, p. 163).

No processo de interpretação e resposta às enunciações enigmáticas do *infans*, o próximo utiliza-se de elementos improvisantes, buscando aproximar o grito à palavra. A resposta dessa relação (próximo-*infans*) não decorre do imprevisto, mas sim da relação que se refere não só à linguagem, mas carrega consigo as suas regras. Essa ambiência materna (Vivès, 2018) permite as condições para a improvisação e *reinvenção com e*, para o *infans*, do dom da fala. Vivès (2018) aponta que “trata-se não da transmissão de um saber, da rememoração de um *corpus* aprendido, e sim da comemoração desse instante fora do tempo no qual a mãe terá sido chamada a advir” (p. 33). A utilização do termo comemoração é pertinente à medida que os elementos alçados pelo próximo para o improviso são compostos, também, pelo momento em que ele mesmo esteve enquanto *infans*, logo mítico. Assim, para além de uma rememoração, nesse momento, há um atravessamento lógico, que desloca o próximo até esse momento.

Vivès (2018), então, propõe uma “sonata materna” indicando que o próximo “preludia e improvisa levando em conta os ‘solos’ da criança” (p. 34), introduzindo a lei que conduz o *infans* à fala. A vocalização materna seria a isca, em que o *infans* morde o anzol e é aferrolhado à linguagem. O autor, então, aponta que a sonata materna, formada por esse *duo* entre o próximo e o *infans*, é evidenciada também em outros trabalhos, citados por ele, que apontam o *infans* respondendo de maneira musical à melodia da voz do próximo. Vivès identifica que o *infans*, mesmo que não compreenda as palavras, parece entrar em ressonância com a voz do próximo.

Em estudos apontados por Vivès (2018), em que a mãe e a criança foram colocadas em salas separadas, interagindo por meio de sistema de som e vídeo, ao ser produzido um atraso de um segundo na transmissão identificou-se desconforto no *infans* e mal-estar na mãe. Essa observação corrobora a hipótese da importância do ritmo e da ressonância entre o próximo e o *infans*. Assim, para além do som, percebe-se que outros elementos também compõem a relação. Da mesma forma, entende-se que a pulsão invocante é mais que a voz, sendo também formada por elementos táteis e escópicos e, assim, essencialmente relacionais. O funcionamento em *duo*, apresentado por Vivès, baseia-se na perspectiva musical, em que se implicam duas subjetividades. No âmbito da constituição do sujeito, o *duo* e a função improvisante

conduzem o *infans* para a passagem da díade para o terceiro. Essa passagem se dá pelo fato de que o próximo, nessa relação, vai apresentando elementos que compõem o laço social. Trevarthen e Gratier (2019) também estudaram, em diversos contextos culturais, a interação entre a mãe e o bebê. Os autores identificaram que, durante a interação, mãe e bebê afinam constantemente as suas expressões vocais. Stern (1992) apontou para a “necessária afinação afetiva” entre o próximo e o *infans*. A partir da interação e da relação da díade se produzirá uma ‘melodia’ característica. Essa dimensão melódica se apresenta no *manhês* (Laznik, 2004). Jerusalinsky (2017b) ressalta a importância do *duo*, apontando que “esses jogos de litoral, fundamentais para a constituição, não tem como ocorrer sem a presença de um outro encarnado que está atravessado em sua própria economia de gozo pelo que se passa com o bebê” (p. 45). Esses estudos e proposições reafirmam o caráter multissensorial da pulsão invocante, em que as presenças do próximo e do *infans* se apresentam como imprescindíveis para os processos de invocação e, conseqüentemente, constituição do sujeito. A relação estabelecida pelo *duo* é fundamental para que o circuito pulsional invocante estabeleça seu percurso entre o *infans* e o próximo.

Essas percepções corroboram a importância do *duo*, identificando posição também ativa por parte do *infans* na produção da vocalização. As respostas do *infans* estimulam o próximo a manter a convocação por meio não só da voz, mas também como presença. Laznik (2011) também refere a posição do próximo que fala espontaneamente para o *infans* e também toma o seu lugar, atribuindo-lhe um discurso. A autora refere a importância desse ato, apontando que, se um próximo ecoa as vocalizações do *infans*, mas não fala por ele, podem ocorrer dificuldades no acesso à linguagem.

Vivès (2018) aponta que a vocalização não é suficiente para a convocação do *infans*. Para os autores, a vocalização deve ser acompanhada por uma posição de suposição (suposição de que há(verá) sujeito). O *infans* se constrói a partir do improviso materno, que, por sua vez, é produzido a partir dos significantes deste próximo. O saber fazer com *lalangue* (Lacan, 1997/1971-1972) apresentado pela improvisação materna vai criando marcas musicantes no vir-a-ser sujeito. Nesse contexto, ocorre a aposta (suposição) de que o *infans* vai incorporar os

significantes, podendo “criar na música do mundo” (Mattos e David, 2017, p. 162). Enquanto elemento estrutural, a improvisação se apresenta como sonata materna enquanto relação do *infans* com *lalangue*. Esse momento é construído como um *duo* entre o *infans* e a função improvisante, enlaçados pela voz encarnada. A queda da voz e da relação em *duo* ocorre pela inserção da instância terceira, apresentando a palavra, que abre o campo para a metáfora. Dessa forma, as enunciações que se apresentavam no registro do signo, passam a ter caráter significante.

Para as autoras, os sons passam de substância gozoza para se transformarem em significantes, mantendo um algo mais que permanece na condição de real. Os sons improvisados estariam fazendo semblante ao objeto perdido. Essa conjuntura apresenta o Outro em falta, condição para a castração e para a constituição do sujeito. Essa proposição corrobora a perspectiva da comemoração, apresentada por Vivès, em que o próximo se desloca para o momento em que o som ainda não estava no registro simbólico.

O adulto que se apropria dos cuidados do *infans*, quando assume função improvisante, se coloca no lugar de criação. O processo de suposição do cuidador em relação ao *infans* passa a oferecer, gradualmente, a possibilidade de que o *infans* também assuma a posição de improvisador. Esse próximo, que se autoriza a interpretar as manifestações do *infans*, estabelece um campo invocante para que advenha como sujeito. Vivès (2018), então, aponta para a díade prazer-surpresa. Essa díade permite manter a dimensão de abertura na interpretação, apontando para a sustentação da violência interpretativa. Por outro lado, para Vivès, a interpretação em sentido único ou a ausência de interpretação leva o bebê, pouco a pouco, a desinvestir a ambiência. Assim, identifica-se que a função improvisante sustenta a ambiência materna, ao mesmo tempo em que possibilita a passagem da suposição de que haverá sujeito para a constituição do sujeito falante.

O bem ouvir da função improvisante

Vivès (2018) atenta para três tempos da improvisação materna. O primeiro tempo seria este da suposição, discutido anteriormente, ou

seja, o próximo supõe um sujeito em vias de constituir-se. As vocalizações não têm como objetivo obter uma resposta, mas sim a criação de um campo invocante que convida o sujeito a advir. Esse primeiro tempo seria constitutivo do bem ouvido. Mais que a atenção às enunciações do *infans*, o próximo estaria na função de acolher o grito e convidá-lo ao ingresso no simbólico. Dessa forma, o bem ouvir torna-se fundamental para o processo de invocação. O segundo tempo seria composto pelo *duo*. Este momento seria ilustrado pelo manhês (Catão, 2009), em que se constitui uma linguagem, entonação, comunicação particular entre o cuidador e o *infans*. O terceiro tempo seria como o “fazer-se ouvir” do circuito pulsional invocante, em que o próximo proporciona a passagem do manhês para um endereçar mais próximo do simbólico, substituindo, gradualmente, as variações melódicas pelas escansões. Vivès (2018) coloca que esses três tempos não ocorrem em sucessão, sincronicamente ou cronologicamente, mas sim em concerto, em diacronia ou logicamente. Em relação aos silêncios que se alternam aos tempos da improvisação, o autor pondera que, nos primeiros tempos, o silêncio se coloca como esperança (de que uma resposta virá). Posteriormente, o silêncio teria caráter de provocar (pro-vocar), como um lugar de enunciação a ser ocupado.

O silêncio é preenchido pela intenção do cuidador em esperar uma resposta, supondo um sujeito que está por vir. Essa sonata materna, ao ser improvisada, aposta nos solos da criança, convidando o *infans* à fala. Catão (2009) aponta que esse “código sonoro pessoal” (p. 157) é composto a partir de uma “sonoridade do meio intrauterino” que faz base para a futura posição de falante da criança. A autora estabelece uma voz relacional que se constitui como objeto pulsional no litoral entre o próximo e o bebê. Para Vivès (2018), a “resposta ao grito é improvisada” (p. 28). O autor também pontua que o músico, ao improvisar, comemora o momento em que a fala era musicada em manhês, aproximando o improviso musical do improviso proposto. Para o autor, ao transpor essa comemoração para o campo musical, e, já com um outro endereçamento, o músico não estaria criando, mas sim apresentando “um agenciamento inédito de vocábulos sonoros previamente conhecidos” (Vivès, 2018, p. 32).

A voz máquina e suas posições entre o próximo e o *infans*

A massificação dos celulares inteligentes, da internet de alta velocidade e dos serviços de transmissão instantânea provocou mudanças nas relações pessoais e nas formas de relacionamento com o som e com a imagem. As relações mediadas por dispositivos eletrônicos se estabelecem através do que poderia ser considerado como um anteparo maquínico. A presença do dispositivo eletrônico como elemento relacional, com telas de alta definição e alto-falantes, pode produzir efeitos na constituição psíquica do *infans*. Aliado a isso, ocorre a migração das relações sociais para ambientes de realidade virtual. Esses ambientes são oferecidos por plataformas de rede social e portais de transmissão de conteúdo audiovisual e proporcionam formas de relação necessariamente atravessadas por dispositivos eletrônicos conectados. Vivès (2018) pergunta: “será que a voz maquinal, vale dizer, aparelhada e separada do corpo, tem as mesmas propriedades relacionais que a voz proferida in vivo?” (p. 43)

Propomos a utilização do neologismo *autofalante*, que tem como objetivo apontar a influência da voz emitida pelo dispositivo. A partir do alto-falante, que tem, em sua etimologia, a ideia de amplificação do som, o *autofalante* traz a perspectiva de uma emissão enquanto reprodução-repetição. A experiência do dispositivo eletrônico conectado e relacional implicaria na relação com a experiência do som que é emitido pela máquina. Essa relação deixaria de separar o emissor, que emite, do dispositivo, que amplifica. Quando o dispositivo é oferecido ao *infans* enquanto elemento relacional, ele tenderia a perceber a emissão da máquina enquanto convocação, e, assim, responder a essa convocação reproduzindo e repetindo a partir dessa experiência. Dessa forma, o *autofalante*, vindo das peculiaridades dos dispositivos conectados e relacionais, deixaria de ser um amplificador de som, passando a oferecer outra relação com a voz e com a comunicação.

Porge (2014) aponta para o trajeto da pulsão invocante ocorrendo em laço. Utiliza o oito interior e a Garrafa de Klein para apresentar o estádio do eco. Para o autor, o espaço criado pela Garrafa de Klein possibilita a produção de um eco entre o emissor e o receptor. Entre a oralidade e auricularidade, a voz é transmitida e ecoada, criando

dimensões de presença e de transmissão. Ao mesmo tempo, a falta também se faz presente, visto que a escuta do emissor difere da escuta do ouvinte pelo espaço de transmissão existente. Essa diferença produzida pelo espaço entre emissão e recepção seria o algo a mais que permanece na condição de Real

Como espelho-olhar-autofalante-voz, o dispositivo eletrônico também pode propor uma relação de convocação ao *infans*. Contudo, as propriedades relacionais dos dispositivos *autofalantes* amplificam e reproduzem dimensões escópicas e auditivas, enquanto suprimem as materialidades-espaços que também compõem o campo invocante, ecoante e constitutivo do sujeito.

Dessa forma, a emissão, que passa por uma captação-compressão-formatação-transmissão-reprodução, difere da emissão feita sem o anteparo maquínico. A voz máquina sempre será uma reprodução. Além disso, a passagem pelo fio (aqui também representando as transmissões maquínicas sem-fio, ou seja, enquanto possibilidades de transmissão *wireless*) comprime o espaço que compõe a escuta do ouvinte. A boca vai ao microfone (e não até o ouvido/ outra boca), o ouvido vai ao fone (e não à boca/ outro ouvido) e o olho vai à tela (e não ao outro olho).

Buscando uma definição, a voz máquina, então, seria essa produzida por um *autofalante* vindo de um dispositivo eletrônico conectado e relacional. As relações a partir de *autofalantes* estabelecem um anteparo e uma passagem para o trajeto da voz pelo espaço. A captação da voz e sua passagem pelo dispositivo altera a sua propagação pelo espaço e, da mesma forma, em seu trajeto entre próximo e *infans*. A relação invocante constitutiva da continuidade imaginária *infans-próximo*, a partir da presença do dispositivo, passa a ser atravessada (refletida e ecoada) também pela voz máquina. Esse Outro, que apresenta ao *infans* a incompletude do próximo, apresenta as características do que vai se constituir como a Lei. Ao mesmo tempo que a voz máquina pode manter sua capacidade de convocar o *infans* em uma estimulação sonora, fracassaria em oferecer a dimensão invocante e improvisante do próximo. Como a voz do canto siderante da sereia (Laznik, 2004), a voz máquina propõe uma relação de repetição

e continuidade. Diferente da perspectiva de Vivès em que o sujeito é escutado pela música (do Outro), na voz máquina o sujeito seria convocado à continuidade e à repetição. O sujeito tornar-se-ia sujeito da repetição, descaracterizando-se de sua posição suposto falante/ suposto ouvinte, visto que só se escuta, e repete, sem voz própria.

Posições-funções da máquina como atravessamento da relação próximo-*infans*

A partir das implicações oferecidas pela relação mediada-acompanhada-atravesada pelo dispositivo eletrônico, consideram-se as possíveis posições assumidas pela voz máquina. A partir da díade próximo-*infans*, e considerando o ingresso de um outro que vai constituir uma primeira triangulação relacional, identificam-se possíveis posições para o anteparo maquínico.

O dispositivo eletrônico poderia se apresentar como segundo do *infans*, atravessando a relação imaginária entre o *infans* e o próximo? Considerando a posição inicial de Freud em relação ao *Nebenmensch*, em que o próximo garante também as necessidades da vida do *infans*, identifica-se essa posição como impossível atualmente, e, assim, hipotética, visto que ainda não existem máquinas que possam dar conta do cuidado integral de uma criança. Dessa relação, Jerusalinsky (2017a) complementa acerca dessa posição, apontando que:

Se a mãe é a da tela é porque se considera que estar de corpo presente seria absolutamente dispensável, quando bem sabemos que, para que a linguagem produza seus primordiais efeitos de inscrição, é decisivo que venha nomear o que afeta o corpo. (p. 25).

Por outro lado, o que se apresenta atualmente é uma relação em que há possibilidade de haver mais tempo de interação do *infans* com a máquina do que com outro próximo. A máquina assumiria a função imaginária do próximo e, a partir de suas características, passaria a oferecer a relação de continuidade. Ao passar mais tempo vendo (e sendo visto) e ouvindo (e sendo ouvido) pela máquina, o *infans*

passaria a ter como referência esta relação. Nesse sentido, Jerusalinsky (2017a) apresenta caso em que o desenho de um paciente mostra:

O corpo de um menino nu com um cordão umbilical em cuja ponta havia um *plug* conectado à tomada, pela qual estava levando um choque que o fazia bruscamente desconectar-se. Seu desenho certamente dizia algo dele, mas não de forma isolada e individual, e sim 'conectada' ao social. (p. 31).

Outra possibilidade de atravessamento do dispositivo é como segundo do próximo, propondo o corte na relação imaginária e construindo a triangulação, em função terceira para o *infans*. O dispositivo, nesta posição, compareceria como instância que desloca o próximo em direção a um terceiro, mostrando ao *infans* que a relação com o próximo não é total ou de continuidade. A falta que se apresenta na forma de deslocamento do olhar, do ouvir e do enunciar a um outro (protótipo do Outro para o *infans*) é para uma máquina. Nesse sentido, Jerusalinsky (2017a) afirma:

É preciso um tempo de tramitação para que, a partir da vivência compartilhada do bebe com a mãe, possa se produzir um laço permeado por um saber fazer que valha singularmente nessa relação. Isso se vê frequentemente atropelado quando o Dr. Google passa a funcionar como o oráculo digital, como um grande Outro onisciente e onipotente diante do qual o sujeito contemporâneo, de bom grado, amansa seus enigmas e se silencia de modo obediente onde poderia inventar. (p. 27).

A terceira posição proposta é a máquina como *gadjet*, acessório facilitador, do próximo. Nesta posição é o próximo que se coloca como anteparo à relação do *infans* com a máquina, ao mesmo tempo em que preserva o *infans* de sua própria relação com o dispositivo. Assim, a máquina se apresenta no contexto relacional entre o próximo e o *infans*, contudo, desinvestida de posição relacional e invocante. A significação dessa relação pelo próximo preserva as dimensões invocantes da voz, pois a mantém em um circuito invocante com o *infans*.

As recentes funções de inteligência artificial e comando de voz proporcionaram assistentes virtuais que têm capacidade de captar

enunciações e de responder ao seu interlocutor. Assim, identificam-se avanços, mostrando que a máquina já ouve e já tem condições de interpretar e de responder à indagações vocais. Contudo, sua resposta não é improvisada, tampouco improvisa a partir do silêncio do interlocutor ou de outras enunciações corporais. Nesse contexto, em relação ao *infans*, a máquina seria incapaz de supor que há(verá) sujeito, pois parte do significado e não do significante, muito menos do signo, operando a partir do registro simbólico.

A partir de uma metáfora musical, o laço social pode ser considerado como um concerto de vozes do mundo composto de arranjos formados por notas que se harmonizam (não sem tensões) e nas quais o sujeito busca sua voz para se fazer compor. A influência da voz máquina propõe o laço social como desarmônico (pois só aceita uma determinada escala, enquanto enunciação, e insensível à variações), impelindo o sujeito a enunciar, ecolalicamente, a escala proposta, suprimindo a subjetividade e a diferença. Resta ao próximo assumir função improvisante, se posicionando entre o *infans* e a máquina, emulando a voz máquina e reinserindo a voz em seu circuito pulsional.

Considerações finais

A presença do próximo (*Nebenmensch*) é estruturante para o *infans*. Para além das necessidades da vida (*not des lebens*), esse que cuida também é fundamental para o processo de constituição subjetiva do sujeito. Em relação à voz e à pulsão invocante, é esse próximo que terá função de bem ouvir e de improvisar sobre as enunciações do *infans*. A partir dessa relação, o silêncio como convocação, a aposta de que há(verá) sujeito, o próximo, em *duo*, ecoa e improvisa, chamando o *infans* a enunciar com sua voz no concerto do mundo.

A partir da massificação das relações mediadas por dispositivos eletrônicos, identifica-se a voz máquina e o dispositivo como presentes na cena do *infans* com seu próximo. Nesse contexto, as pesquisas disparadoras do artigo já identificaram prejuízos no ambiente invocante quando a relação é atravessada pelo anteparo da máquina.

Assim, foram apresentados possíveis efeitos na constituição subjetiva a partir de posições do dispositivo na relação entre o próximo e o *infans*. A partir da ambiência proposta pelo próximo, percebe-se que a forma como este se relaciona e apresenta a máquina ao *infans* fará com que esta possa assumir diferentes posições e funções na relação.

Em relação à função improvisante, identifica-se a importância de movimentos para a preservação do circuito invocante na constituição do sujeito. Ao assumir a função, o próximo escande a voz máquina e convoca o sujeito ao circuito invocante. Como emulador da transmissão maquínica, o próximo fará função de captar e retransmitir a voz, devolvendo seu trajeto em laço, entre a boca e o ouvido, entre o sujeito, o outro e o Outro.

Considerando que a relação virtual, a realidade virtual e a rede social estão, e estarão cada vez mais presentes na constituição do sujeito, a forma como o próximo apresenta e interage com a máquina na cena será determinante para a forma como o *infans* vai se constituir. Assim, o próximo, a fim de preservar a função improvisante, precisa assumir o protagonismo da relação do *infans* com a máquina, assegurando um campo de interpretação-improvisação entre a máquina e o *infans*. Sem a improvisação, o *infans* corre o risco de repetir, ecolalicamente a enunciação proposta pelos *autofalantes* da máquina.

Referências

- Aulagnier, P. (1975). *A violência da interpretação – do pictograma ao enunciado*. Imago.
- Azevedo, M. M. de P., & Nicolau, R. F. (2017). Autismo: um modo de apresentação do sujeito na estrutura de linguagem. *Estilos da Clínica*, 22(1), 12-28. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v22i1p12-28>
- Catão, I. (2009). *O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo*. Instituto Langage.
- Eurico, R. S. (2018). *Do manhês à voz* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório institucional da UFMG. <http://hdl.handle.net/1843/30054>

- Ferrari, A. G., & Piccinini, C. A. (2010). Função materna e mito familiar: evidências a partir de um estudo de caso. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 13(2), 243-257. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982010000200007>
- Freud, S. (1996/1895). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 1, pp. 335-454). Imago.
- Freud, S. (2019/1919). *O infamiliar / Das Unheimliche*. Autêntica.
- Jerusalinsky, J. (2017a). Que rede nos sustenta no balanço da web? – O sujeito na era das relações virtuais. In *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais* (pp. 13-38). Ágalma.
- Jerusalinsky, J. (2017b). As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. In *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais* (pp. 39-55). Ágalma.
- Klautau, P. & Faissol, K. (2016). Do Nebenmensch ao Unheimlich: a presença da alteridade no processo de constituição da subjetividade. *Revista aSE-PHallus de Orientação Lacaniana*, 11(21), 66-76. http://www.isepol.com/asephallus/numero_21/pdf/6-Do_Nebenmensch_ao_unheimlich.pdf
- Lacan, J. (1997/1959-1960). *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1997/1971-1972). *O seminário livro 19, 2ª parte: O saber do psicanalista*. Publicação não comercial exclusiva para membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife, Brasil.
- Lacan, J. (1998/1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In *Escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 807-842). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998/1964). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Jorge Zahar.
- Laznik, M.-C. (1994). Do fracasso da instauração da imagem do corpo ao fracasso da instauração do circuito pulsional: quando a alienação faz falta. In M. C. Laznik-Penot (org.), *O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas* (pp. 31-48). Ágalma.
- Laznik, M.-C. (2000). A voz como primeiro objeto da pulsão oral. *Estilos da Clínica*, 5(8), 80-93. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282000000100008&lng=pt&tlng=pt
- Laznik, M.-C. (2004). *A voz da sereia. O autismo e os impasses da constituição do sujeito*. Ágalma.
- Laznik, M.-C. (2011). *Rumo à fala: três crianças autistas em psicanálise*. Companhia de Freud.
- Marino, A. S. (2018). *A psicanálise frente aos impasses nas políticas públicas: entre bem-estar e mal-estar social* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-29012019-183801/pt-br.php>

- Mattos, R., & David, M. (2017). Da improvisação nasce o sujeito: Notas sobre transmissão e incorporação da linguagem. *Affectio Societatis*, 14(26), 152-164. <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/03/981737/8.pdf>
- Passone, E. F. K. (2016). De a-criança ao real infantil: reflexões psicanalíticas acerca da infância. *Estilos da Clínica*, 21(1), 114-132. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v21i1p114-132>
- Pierotti, Moreira de Souza, Levy, & Zornig, Abu-Jamra. (2010). O manhês: costurando laços. *Estilos da Clínica*, 15(2), 420-433. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282010000200009&lng=pt&tlng=pt
- Poizat, M. (2001). *L'opéra ou le cri de l'ange: essai sur la jouissance de l'amateur d'opéra*. Métailié.
- Porge, E. (2014). *Voz do eco*. Mercado de Letras.
- Stern, D. (1992). *O mundo interpessoal do bebê*. Artes Médicas.
- Trevarthen, C. e Gratier, M. (2019). Voz e musicalidade: natureza, emoção e cultura. In: C. Trevarthen, K. J. Aitken e M. Gratier, *O bebê: nosso professor* (1.ª ed., pp. 82-94). Instituto Langage.
- Vivès, J-M. (2009). Para introduzir a questão da pulsão invocante. *Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental*, 12(2), 329-341. <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/LXG4qQWF8MxqmJhnyMWhRxL/?lang=pt>
- Vivès, J-M. (2018). *Variações psicanalíticas sobre a voz e a pulsão invocante*. Corpo Freudiano.